



SER-TRAVA NO SER-TÃO TRANSGRESSORA

SER-TRAVA IN SER-TÃO TRANSGRESSER
SER-TRAVA EN EL SER-TÃO TRANSGRESORA

Luís Massilon da Silva Filho ¹

Mário de Faria Carvalho ²

Resumo

A travestilidade ao construir a si mesma e sua corpa, torna visível por meio de sua discursividade o retrato de sua história. Ser-Trava no Sertão e mais ainda transgressora é algo que desperta a investigação das diversas possibilidades desse existir e resistir. Assim, olhar e sentir as subjetividades dessas corpas em sua constituição pode nos nortear quanto às epistemologias dessas corpas e sua pedagogização. Partimos então, da problemática investigativa que direciona como objetivo geral do estudo em questão, explicitar como o ser-trava no sertão de Pernambuco se posiciona transgressivamente ante às lutas de reconhecimento e identificação de suas corporeidades. A metodologia que propomos se pauta na análise das narrativas, produções e discursos de travestis da cidade de Arcoverde/PE. A análise do relato de suas experiências indicam que as corpas travas do sertão articulam em suas ações as diferenças em relação à legitimidade da sua existência, performatizando novas epistemologias de suas corpas.

Palavras-chave: travestis; corpas; sertão; transgressão; existência.

1 Doutorando (Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES) em Educação Contemporânea | Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Mestre em Educação Contemporânea | Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Especialista em Psicomotricidade | Universidade de Fortaleza. Graduado em Psicologia | Universidade de Fortaleza. Analista de Gestão - Psicólogo da Gerência Regional de Educação do Sertão do Moxotó e Ipanema (GRE-SMI) da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Integrante d'O IMAGINÁRIO - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias - G-Pense! (UPE/CNPq).

2 Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Doutor em Ciências Sociais. Professor Associado Nível II do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea.



Abstract

Transvestism, when constructing itself and its body, makes visible through its discourse the portrait of its history. Being a Trava in the Backlands is even more transgressive, is something that awakens the investigation of the various possibilities of this existence and resistance. Thus, looking at and feeling the subjectivities of these bodies in their constitution can guide us regarding the epistemologies of these bodies and their pedagogization. We then start from the investigative problem that directs as the general objective of the study in question, to explain how the Trava being in the backlands of Pernambuco positions itself transgressively in the face of the struggles for recognition and identification of its corporealities. The methodology we propose is based on the analysis of the narratives, productions and discourses of transvestites from the city of Arcoverde/PE. The analysis of the account of their experiences indicates that the Trava bodies of the backlands articulate in their actions the differences in relation to the legitimacy of their existence, performing new epistemologies of their bodies.

Keywords: transvestites; bodies; backlands; transgression; existence.

Resumen

El travestismo, al construirse a sí mismo y a su cuerpo, visibiliza a través de su discurso el retrato de su historia. Ser Trava en el Sertão, y aún más transgresora, es algo que despierta la investigación de las diversas posibilidades de esta existencia y resistencia. Así, observar y sentir las subjetividades de estas cuerpos en su constitución puede orientarnos respecto a las epistemologías de estas cuerpos y su pedagogía. Partimos entonces del problema investigativo que, como objetivo general del estudio en cuestión, busca explicar cómo el ser Trava en el Sertão de Pernambuco se posiciona transgresivamente frente a las luchas por el reconocimiento e identificación de sus corporalidades. La metodología que proponemos se basa en el análisis de las narrativas, producciones y discursos de travestis de la ciudad de Arcoverde/PE. El análisis del relato de sus experiencias indica que las cuerpos Trava del Sertão articulan en sus acciones las diferencias en relación con la legitimidad de su existencia, construyendo nuevas epistemologías de sus cuerpos.

Palabras clave: travestis; cuerpos; sertão; transgresión; existencia.



1. Introdução

A transexualidade, vista como conceito “guarda-chuva” que engloba travestis, transgêneros, pessoas não binárias, dentre outras, representa saberes que ultrapassam os limites que impõem reflexões políticas, sociais e pedagógicas de um corpo em transição. Corpos que, em sua experiência transicional, apreendem um mundo desumano que precisa ser desmistificado a partir da potencialidade do alcance político, sensível, performático do corpo trans.

Ser Trans na contemporaneidade evidencia que por meio da experiência pode-se produzir conhecimentos, de maneira a compreender que a narrativa da experiência caracteriza novas formas de ser, promove desterritorializações, desfaz linhas arraigadas que se entrecruzam com a construção de identidades e subjetivações do ser, ou seja, com o devir de linhas de subjetivação (Deleuze, Guattari, 1995).

A travesti, especificamente, ao construir a si mesma e sua corpa, torna visível por meio de sua discursividade o retrato de sua história, da sua luta, do seu trajeto antropológico atrelado a um verdadeiro ativismo recheado de conflitos, dores, sentires, afetos, debates, discussões e posicionamentos acerca de seu modo de vida, da representação do que seja o seu viver.

Partimos então da problemática que tensiona a subjetivação da travesti, que seja, em que medida o ser-trava no sertão de Pernambuco se posiciona transgressivamente ante às lutas de reconhecimento e identificação de suas corporeidades?

Daí, propomos como objetivo geral do estudo em questão, explicitar como o ser-trava no sertão de Pernambuco se posiciona transgressivamente ante às lutas de reconhecimento e identificação de suas corporeidades. Com isso, visamos olhar e sentir as subjetividades dessas corpas em sua constituição, levando em conta o fator da territorialidade geográfica e subjetiva.

Os objetivos específicos se direcionam para destacar a performatividade de travestis em territórios caracterizados como espaços rurais e periféricos do interior de



Pernambuco; caracterizar o movimento transgressor das corporeidades travestis do sertão; apresentar as nuances que perpassam os processos de reconhecimento e identificação de corpos travestis sertanejas.

A metodologia que propomos para concretizar essa investigação se pauta na análise das narrativas, produções e discursos de travestis da cidade de Arcoverde/PE, Sertão do Moxotó, em que o relato de suas experiências, vivências, imagens e criações nos situe, nos localize em uma territorialidade que lhes é peculiar como atrizes sociais que fomentam a existência de ser-trava no ser-tão transgressora.

A proposta se concretiza com o registro potencializado por meio de um olhar minucioso, sensível, perspicaz e atento às movimentações decorrentes da atuação das artistas travestis. A apreciação das experiências artísticas de pessoas que bradam com suas corpos a sua existência pode nos indicar caminhos de fazer valer pela escrita esses enunciados de libertação e apropriação de si.

Essa análise se dará pelas exposições fotográficas de redes sociais das artistas, bem como dos escritos e devaneios, dos experimentos e elocubrações das mesmas, material esse disponibilizado pelas próprias em acordo com o processo de produção da escrita ora versada, sendo elas, além de participantes presentificadas, críticas ativas do trabalho, tendo em vista que aqui estará retratado os seus pensamentos, as suas corporeidades, performatividades, subjetivações e existências.

Buscamos também fazer interlocuções com autores identificados com o movimento da travestilidade, a fim de traçar em conjunto análises de escritoras travestis inseridas no campo acadêmico-científico.

Pensamos que não é um trabalho que vislumbre a representação de travestis, mas uma construção que reverbere os discursos, os enunciados e as experiências narradas por elas, de forma a demonstrar que por meio de suas performances, de suas vivências e transgressões em meios hostis e hegemônicos pode-se evidenciar as mudanças necessárias ao reconhecimento de identidades excluídas.

Mudanças simbolizadas pelo ato de resistência de corpos que alteram a expressão do poder e do saber cisheteronormativo, e salientam a importância de resistir como



criação de novas possibilidades de ser, de existir e de provocar mudanças. Surgem forças internas, de dentro pra fora, de corpos que se insurgem com o estabelecido, e se encaminham para novas alternativas de vida, transgressoras, ativistas e desconstrutoras das territorialidades forçadas.

Performatividades TRANSgressoras Rurais e Periféricas do Ser-Tão

A corporeidade de uma travesti vem a ser uma constituição modelada de si, uma forma de apropriar-se de uma corpa inacabada, sempre em construção, sempre em perspectiva de vir a ser. O constructo essencial disso está permeado pela performatividade (Butler, 2003) do corpo, à qual cria, reinventa e pela criação e reinvenção, politiza, expressa sua opinião, transmuta, des-trava o ideal imposto pelo social.

A atuação corporificada lhes concede um poder subversivo, desviante, que materializa em forma de contestação. As travestis que constroem a posição transgressora e encontram-se na territorialidade do sertão também enfatizam, até mais expressivamente por conta da “tradição religiosa e dos bons costumes”, o caráter de assujeitamento ao qual são submetidas, subalternizadas.

Corpos **in processos** visuais, estéticos e políticos TRANSgridem normas performativas relacionadas aos gêneros, político, jurídico e teleológico e escrevem TRANSmodernas experiências singulares de outras possibilidades sociais, TRANSculturais (Garcia, 2015, p. 74, grifos do autor).

A corporeidade travesti pode estabelecer como meio de subversão da performatividade cisheteronormativa tão presente ainda na sociedade contemporânea, seja urbana, rural, periférica, suburbana, favelada. As corpos que atuam nesse sentido fazem anunciações de suas transições, de suas subjetivações, de suas expressões artísticas, de seus saberes.



Captamos isso no trabalho apresentado pelas artistas Renna Costa³ e Benedita Arcoverde⁴, ambas residentes do Sertão do Moxotó, porta de entrada do sertão pernambucano. Extraímos do blog de Renna Costa a citação:

Estamos aterrissando no @espacomariposa para uma oficina de três dias e apresentação da perfo "Criação sobre a própria existência". simbora bonekas?! A oficina "Criar sobre a própria existência" pretende utilizar o corpo como um lugar de entender o nosso existir, o corpo através de uma potencialidade política. A metodologia pretende através de exercícios de improvisação e de memória afetiva, trazer à tona os nossos incômodos sociais. O que surge de um corpo marginalizado? Quais as potências que ele carrega? Que corpo é esse? O que ele quer falar? (Costa, Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2019).

O trabalho desenvolvido pelas artistas mostra-nos a potência criativa em questionar a potência das corpos travestis, as investidas em contradizer o discurso proeminente que insiste em lhes inviabilizar. Mas essas corpos têm voz, têm ampla consciência das possibilidades múltiplas que suas corpos podem alcançar, podem falar e podem gerar como força motriz de mudanças necessárias à sua autoafirmação.

³ A artista se apresenta trans como performatividade de gênero, trans como estado de trânsito entre diversas linguagens - teatro, performance, poesia, música, audiovisual, produção cultural e educação popular - trans como modo de acionar dispositivos de viver a coletividade - fortalecimento entre corpos que re-existem. assim se articula com coletivas outrxs artistas e produtorxs culturais para fomentar encontros a partir da arte com o engajamento de um corpo político travesty. Formada em licenciatura e bacharelado no curso de teatro pela UDESC/SC (retirado do blog da artista, op. cit.).

⁴ Gabi Cavalcante/Benedita Arcoverde, 25 anos, natural de São Paulo-SP artista visual-travesti-preta-sertaneja, performer, atriz, iniciou seus trabalhos na área de teatro em Arcoverde-PE, onde vive há mais de 15 anos, tendo atuado em diversos grupos e espetáculos da cidade. A artista tem desenvolvido os seus trabalhos a partir de questões que estão relacionadas a gênero e periferia (retirado do portfólio da artista).

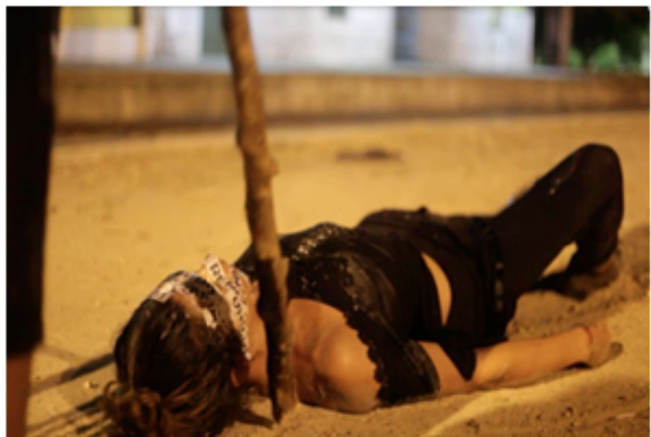


Figura 1: Renna Costa - criação sobre a própria existência – espetáculo realizado no espaço aberto da Estação da Cultura – Arcoverde/PE. FONTE: Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2018.

Em seu blog, Costa (2019) enfatiza a importância da atividade formativa e o reconhecimento de que a vivência proposta “é o lugar de tentar entender um pouco mais sobre essas perguntas que nos rodeiam, com a proposta de mergulhar em nós mesmas, de criar sobre nossas vivências”. A artista aponta como objetivo central da performance e da oficina “evocar um corpo manifesto, através do resgate de uma memória social corporal”.

Desta forma, percebemos as referidas corpos produzindo saberes que superam as fronteiras da territorialidade do sertão, movimentando por meio de reflexões críticas e pedagógicas as especificidades e singularidades de seu existir. Consideramos uma autêntica prática de tentativa de integração, valorização e inserção presentificada de corpos travestis no social.

Referindo-se ao seu encontro com a irmã travesti Gabi Cavalcante, Costa (2019) nos desafia a refletir: “O que pode surgir do encontro de duas artistas trans? qual é a dança em que corpos não-normativos ocupam? e se a arte fosse travesti?”. A obra “criação sobre a própria existência” surge como uma forma encontrada de resistir e se manterem vivas.



Figura 2: Renna Costa e Benedita Arcoverde criam e inventam suas corpos nas suas existências. FONTE: Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2018.

Ideia que perpassa que somos corpos e corpos cercades por outres corpos e corpos, que há um encontro e se este se der de forma genuína, temos uma comunhão corporalizada. As corpos que encontramos deixam-nos marcas, não há como agir no negacionismo desse fato, baseado nos discursos gerados pelo domínio e poder da linguagem cultural sobre as vidas travestis. E elas em suas performances implementam, instauram uma linguagem discordante, uma linguagem que fortalece os encontros comungados de corpos travestis que marcam o ser.

Enxergamos na potência do trabalho em exposição a performatividade que traz à tona uma corpa em relações com o social, com outres sujeitos, em um espaço territorializante firmado pela hegemonia, mas em desconstrução pelos discursos de corpos ativistas, de existências potencializadas por afetos, fluxos e movimentos que revelam o ato criador ao qual o ser pode valorar-se, enaltecer-se.

Maria Lugones (2014) fala em feminismo descolonial, saberes que se interpõem entre a tradição presente no moderno e a inovação artística do pós-moderno e, assim, associamos respectivamente ao sertão e ser-trava. A autora nos remete ao pensamento de como as travestis sertanejas envolvidas subjetivamente pela humilhação e desapropriação de si se tornam sujeitadas pelas rotulações que não permitem suas existências ultrapassarem as fronteiras, visto que esse processo torna suas corpos monstruosas e inadequadas.

Ao usar o termo **colonialidade**, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de subjetivação e a investida de tornar a/o colonizada/o menos que seres humanos (Lugones, 2014, p. 939, grifo da autora).

Os conhecimentos do traviarcado se postam em suas performatividades como respostas epistêmicas ao que é dado às suas corpos, vistas como abjetificadas, negligenciadas, negadas e, em condições de re-existir no sertão, as travestis têm transformado formas dominantes e excludentes da visão eurocêntrica.

Assim, fica evidente a importância da ocupação de espaços periféricos e sertanejos, pois essas corpos também re-existem nos territórios apontados e suas ações performáticas são fundamentais para provocar, causar descentramentos a fim de que as fronteiras sejam destituídas de acercamento.



Figura 3: Benedita Arcoverde em Sessão Descarrego - Performance realizada no espaço La Terraza – FONTE: Redes Sociais da artista; Instagram: @benedita_arcoverde - Foto: Fito Sudaca, 2017.

A performance de Benedita Arcoverde retrata o questionar-se sobre sua corpa, sua ação em espaços antes fechados, caracterizando atos performáticos pelas epistemologias de fronteiras⁵. Por meio da arte política/performance a artista interpela: “O que se precisa

⁵ Mignolo (2003) chamou epistemologias de fronteiras as respostas epistêmicas de produção de saberes e conhecimentos das pessoas subalternizadas ao projeto eurocêntrico da modernidade.



pra seguir?” (Cavalcanti, 2017), e afirma que a performance surge a partir dessa pergunta, e o momento de transição e conhecimento da corpa da artista.

Viviane Vergueiro (2016) comenta que, em uma condição hegemônica de sobrevivência, algumas identidades, incluem-se aí as travestis, já apresentam em sua constituição subjetiva a resistência aos modos dominantes, refletida pela sua existência, interposta como uma existência marginalizada que é apagada dos espaços de convivência, é matada, atacada, eliminada para que não tenham acesso a uma existência plena.

Outra artista sertaneja que faz uso da poeticidade, da sensibilidade, além da expressão corporal é Irla Carrie⁶. A artista se move no processo de transição direcionando sua atuação para o direito de existência, com a delimitação de fronteiras ao promover a abertura de espaços por meio de sua prática com expressões corporais e dança, pensando em variações de dispositivos que manifestem o seu enquadre corporal e sua performatividade.

No trabalho escrito e representado corporalmente intitulado “Cartomante”, a artista enfatiza a sua resistência, pautada em suas memórias e em seu trajeto antropológico⁷, performando o potencial que reconfigura suas perspectivas hegemônicas e abrem-se devires para além da modificação corporal vista nas travestis. Sempre pensando em modificações corporais e experimentos corporais em seu percurso artístico e profissional.

⁶ Irla Carrie é artista da literatura do corpo. Atriz, Dançarina, Escritora, Professora de danças populares, pesquisadora sobre a linguagem corporal e tudo que envolva movimento. Natural da cidade de Arcoverde/PE, atualmente empreende seu tempo na qualidade de professora, dançarina e ao bacharelado de Educação Física na UNIPLAN/Arcoverde/Pernambuco/Brasil (Retirado das redes sociais da artista).

⁷ Segundo Gilbert Durand (2012) o “Trajeto Antropológico” seria a incessante troca que existe no nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.



Figura 4: Irla Carrie - Cartomante em cena no Sertão. FONTE: Redes Sociais da Artista – Instagram: @irlacarrie, 2021.

CARTOMANTE – Irla Carrie

Antes de eu nascer, já carregava nas mãos a CARTOMANTE do destino!
 Bem antes do nascer das coisas, já descrevia profecias no céu e na morte de cada dia.
 Antes mesmo de sermos batizados, já havia em mim, o pecado e o desejo!
 A maldade que se revela no suor brusco e rude.
 Antes de ser fecundada sabia que deveria Primeiro sujar as mãos de lama,
 e a consciência levada com incertezas e crises de ciúme!
 Já carregava o fardo do homem...
 A cegueira dos ouvidos, e a eterna ignorância do coração.
 Tinha em mente mentiras, malícia de um homem e corpo de um anjo!
 Lutando contra rupturas, duelo!
 E no fim me dando por inteira a estranhos... com belas armas aterrorizantes!
 Sabia que meus irmãos sanguíneos se perderam dentro de si!
 Nos alimentos vencidos, nas bebidas amarguradas,
 nas ervas alcoólatras, do pai dependente e da mãe defunta!
 Que nem sequer viu o crescimento dos seus filhos.
 Sabia até mesmo que as estradas do meu senhor destino,
 desabaria em qualquer momento;
 Só bastasse fechar os olhos, para que eu perdesse o equilíbrio entre o corpo e a alma.
 Antes dos antes, já gritava loucamente!
 Brigava e sempre apanhava!
 Já entendia perfeitamente que sempre é necessário amar por inteiro...
 até a última gota de sangue!
 Mesmo que esse amado não fosse anjo.
 Já compreendia que é preciso saber conviver com a solidão, perdas e desencontros!
 Antes da criação já havia em mim,
 a sede de correr desesperadamente até chegar nos braços do que se perdeu.
 (FONTE: Carrie, 2020, escritos manuais disponibilizados pela poeta).



Percebemos pela interação das três artistas como os atos performativos, extravasados nas corpos, nas palavras, nas escritas, nas intenções, também performatizando-se em uma hibridização de linguagens, diz, em uma territorialidade vista como inacessível, a sua força, a sua potência, a re-existência resistente. O trajeto de seus desejos e verdades se manifestando por meio de suas corporeidades.

Os processos sociais das travestis se visualizam como formas de abrir a discussão das variadas alternativas de construção de si, de apropriação de si, de transgressão dos modos de subjetivação conflituos que provoquem a ruptura das dimensões colonizadoras de negação de suas corpos. Sant'anna, Marcondes e Miranda (2017) indicam que arte e ativismo andam de mãos dadas na construção de críticas e transgressões do normativo.

Ser-trava no Ser-tão: transgressões em movimento de corporeidades vivificadas

A caracterização do movimento transgressor das corporeidades travestis no sertão pernambucano se constitui de reflexões e deflexões a respeito da desfiguração das fronteiras de modo a explicitar os processos aos quais a cultura se faz valer para construir as identidades das pessoas e produzir verdades inalcançáveis.

Nisso, o importante a enaltecer é que as corpos travestis sertanejas estão cada vez mais imbuídas em não se localizarem mais nas identidades fixas, imutáveis, únicas que lhe foram designadas.

As corpos travestis se colocam em atos transgressores de uma dimensão política constituída pelas experiências e práticas de subversão, como vimos na seção anterior com os atos performativos. A ação desencadeada confunde os processos hegemônicos exatamente pela habilidade corporal em se desvencilhar das amarras impostas, em produzir corpos nômades, corpos de existência pluralizada pelas vivências como sujeitas políticas.



Figura 5: Renna Costa com a performance Transvyadaji. FONTE: Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2017.

A ação política travesti transgressora se veste de compromisso, de luta pela emancipação de si, de tornar-se quem é em sua integridade corpórea, uma ação libertadora de corpos, de existência e de movimentações que refletem o questionamento àquilo dado como norma, como normal, o escambau! Renna diz dessa performance:

Performance degenerada cantada batucada bamboleada anti-macho heteronormativo >terrorixtas de gênero< okupando territórios mandando papo reto sem cuspe nem passagem, tomando de assalto. Brasil, país que mais mata travestis e transexuais no mundo, é também o que mais procura pornografia do mesmo. Cala ou grita? Vai fingir que nada acontece? GRITAMOS! É pra você escutar, eu quero ver você nos calar. TOMANDO DE ASSALTO, POW! (Costa, Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2017).



Figura 6: Ato trava-show com Helen Maria, Renna Costa e Vulcânica Pokaropa. FONTE: Blog: <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2018.



A corpa trava referencia corporeidades que investigam constantemente novas posturas, novos gestos que buscam encontrar novos lugares, novos territórios em que suas identidades sejam visualizadas. E para isso o movimento transgressor se instaura possibilitando representatividades que suplantam fronteiras, que fazem do enfrentamento, uma “Transvyadaji” que vai para além da luta, do movimento político, vai em direção a momentos de prazer, de plenitude de ser, ser-trava no ser-tão transgressora.

Pensar em movimentos de transformação do mundo, de ampliação da consciência emocional, de transbordamentos de sensações corpóreas e cutâneas, de ultrapassagem dos limites do urbano para o rural e vice-versa, de desconstrução da visão invertida do sertão como ultrapassado, é acender o pavio da metamorfose-agem trans-formadora de se constituir travesti trans-gressora, com agressividade pulsante e causadora de dissensos.

E a atitude desencadeada pelo im-pulso (que impõe a pulso) vem muito bem construída por Benedita Arcoverde na Performance “Solo para Benedita”. Um grito, um pulsar, um impulsionar, um acorde, uma extra-polação (além do poder de ação), uma corporificação desmedida, riqueza de vibrações e força. A atriz comenta:

Arte feminista/Arte política/Artevismo/Performance. O cheiro de sangue perpetua sobre um corpo mutilado, ferido, molestado por opressores que irem a fragilidade da Benedita. A Dor extrai da carne vermelha, traumatizada. O medo da morte, tão comum... Dandara, Samantha, Gabi, Handara, Maria, Erica... Mulheres! Sagradas, sangradas, quebradas. Vítimas! "SOLO PARA BENEDITA" É protesto, é carne, morte, ferida aberta! (Cavalcanti, 2015, retirado do blog: <https://extrato.art/benedita-arcoverde/solo-para-benedita>).

A imagem performatiza a corpa de Benedita Arcoverde (Bem-dita preta periférica de Arcoverde), com uma força de abertura para se pensar e refletir como as corpas dissolvem sentidos, ressurgem possibilidades, revolucionam a subjetivação com as experiências travestis de mundo.



Figura 7: Performance apresentada na exposição coletiva "entremoveres" da Trovoa em PE . FONTE: <https://extrato.art/benedita-arcoverde/solo-para-benedita> , 2015.

Acreditamos que pelas exposições demonstradas não há como não compreender a ideia de que esta experiência seja a demonstração do que seja ser-trava no ser-tão transgressora, pois vimos que as artistas são ao mesmo tempo as pessoas que se fazem e são feitas pela inserção no mundo, trazendo as experiências de vida, de dominação e de resistência, de poder e de saber, de performatividade e de interpelação, de sertaneja desconstruída e sertaneja politizada, de invisível e visível.

E diante dessa condição política e transgressora das corpos travestis, importante apreciarmos a atitude tomada pelo Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART) que em 2018 lançou o Manifesto Representatividade TRANS, Já! que traz em suas linhas preceitos significativos que argumentam posicionamentos de artistas trans quanto à sua presença na prática das mais variadas linguagens artísticas. Pessoas trans, travestis fazem o seu papel e não serem representadas por figuras caricatas de pessoas cisgêneras.



A ativista Hija de Perra⁸ (2014) demonstra como ainda se aceita muito, sem se questionar, as imposições do norte global nas indicações de identificações das travestis, principalmente no que concerne às artes. Para a autora, pessoas trans têm a partir dos seus saberes e sentires plenos poderes em executar suas habilidades, competências e possibilidades artísticas.

[...]. Sim! A cultura da viadagem sempre existiu dentro de nossos limites, mas não se havia focado sob um olhar que unisse esses fatos como matéria de luta ao modo de uma tropa ou um movimento no sentido do percurso histórico das novas identidades sexuais e suas manifestações socioculturais implícitas (De Perra, 2014 p.2)

Prosseguindo com a linha de pensamento relacionada à transgressão e aos seus direitos de sobrevivência e existência, apresentamos mais uma escrita de Irla Carrie,

A TAL JUSTIÇA – Irla Carrie

*A justiça não mora no meu tanque!
A tal justiça corrompe, mata e violenta corpos como o meu!
A senhora justiça me mata de pauladas, asfixia... Arranca o coração!
Me despedaça; e mesmo assim a culpa é sempre da vítima, ela que pediu.
A tal justiça fede, mente e violenta mulheres como Eu;
Expectativa de vida 35 anos e 90% por cento ESTÃO na prostituição!
Por que será hein?
O sistema não te dá trabalho, o sistema te silencia, e te come na madrugada.
A justiça é genocida, transfóbica, racista e machista!
Ele é o demônio revestido de "Bom" moço.
Mesmo diante de tanto sangue derramado se tem a maldade e audácia de se falar que queremos privilégio, viver na minha pele ninguém quer!
Marchar eu não vou, e muito menos perto da polícia...
Não me venha pedir calma, não me venha pedir nada!
A justiça mora na televisão! Ela é branca, pálida.
Esse sistema é uma metralhadora apontada no endereço certo, não existe bala perdida!
Estou farta, exausta de ser paciente...
Eu juro meu Deus que a vontade que tenho é tocar fogo em TUDO!
Sair matando esse fascismo, esse pau Branco e falocêntrico.
Mas, a paz não deixa; A paz segura a minha mão?
Quem vai trazer as minhas irmãs hein?
Marielle, Matheusa, Dandara, Demétrio.
Quantas de nós será mais uma estatística hein!?*

⁸ Hija de Perra, travesti, artista cênica e ativista social chilena. Trabalhou como performer, modelo, atriz, cantora e compositora e designer de moda. Também se destacou como ativista social pelos direitos das mulheres e das minorias sexuais. Era caracterizada por sua estética estranha, humorística e hipersexual, e por sua crítica constante à sociedade conservadora chilena (traduzido do blog <https://travadiva.cl/project/hija-de-perra/>).

*Quer saber madame, essa Cisnormatividade, esse padrão imposto é um vírus.
Não irei me calar, pois meus ancestrais estão comigo,
e a força da minha comunidade resistirá séculos por séculos,
mesmo que eu vá, as batucadas ressonarão toda minha celebração e resistência.
PRESENTE!*
(FONTE: Carrie, 2020, escritos manuais disponibilizados pela poeta).



Figura 8: Irla no semiárido com o silêncio da tal justiça! “Não irei me calar, pois meus ancestrais estão comigo”. FONTE: Redes Sociais da Artista – Instagram: @irlacarrye, 2021.

Uma escuta essencial onde a poetisa incide reflexões sobre a justiça e o tratamento dado à sua existência trans-travesti. Vimos uma cena pedagógica com todo um empreendimento educacional permeado das narrativas corpóreas que retratam a história de abjeção e condenação pelo simples fato de ser-trava no ser-tão. Como não ser transgressora? Como não gritar pela sua re-existência e afirmar sua identificação? Sobre isso, o próximo tópico indica mais pistas da travexistência!

Travas que destravam o reconhecimento e a identificação de si

O autoconhecimento e as identificações oriundas desse processo de subjetivação em seus trajetos permitem às travestis recriarem e manifestarem suas corporeidades, imagens e representações de si. O movimento que impera na construção de si causa



sensações de transbordamento para novas possibilidades de efetivar cada vez mais as corporeidades, representações e imagens de si.

Entender os processos de construção a partir do espaço de atuação transviada e traviarcada, faz emergir o sentido de si, da corpa, da interação com outres, porém em uma relação que constantemente necessita de empatia, de ensinamentos, de abertura ao reconhecimento do ser-trava, de fazer uma pedagogia do que é ser travesti, de desmistificar a onda mítica do ser-des-viado. Ainda se tem muito a pedagogizar a existência para o reconhecimento concretizar-se e a identificação de si estar posta como autônoma, independente, liberta, dona de si.

A nosso ver, a existência travesti pretende com o reconhecimento das corpas em evidência comunicar exatamente o transbordamento de uma idealização própria, particular, única que precisa ser reconhecida, validada, autenticada, registrada. A ação se concatena com as criações esfuziantes que se movimentam já a partir do ato de criação, construído pelas identificações pessoais estimuladas por seus prazeres, dissabores, lamentos e afetos, suas vozes, sensações e invenções.

Saber quem é, saber onde vai, saber ser, ser-trava no ser-tão, um território que desterritorializa esses saberes e é preciso re-fazer-se para abrir a dimensão de reterritorializar novos saberes e novos modos de ser, permitir uma corpa ser quem é, saber aonde vai, ter a sua identificação vista como um acontecimento, um registro de euS, que podem configurar as emergências de novos EUs. Leiamos então, mais um escrito da poetisa Irla Carrie:

EU – Irla Carrie

*Eu sou o vento que passa e ninguém vê!
Sou aquela brisa e ninguém sente!
Eu sou tempestade que troveja e ninguém me ouve!
Sou farol de luz, e ninguém me enxerga.
Eu sou a calmaria do mar, e no fim ninguém compreende minha existência.
Sou aquele rastro de fogo que queima nas madrugadas da noite, em silêncio!
Contra-rio, desfaço e me afogo pelo mesmo motivo.
Sou Árvore que ampara sombra, e dou o fruto mais doce e amargo.
Mais ninguém vê a importância dessa andrógina natureza!
Eu vivo e sobrevivo na intensidade do tempo, eu refaço as compreensões,*



*mas ninguém compreende o silêncio dos meus lábios.
Sou o acerto da província, sou a pronúncia da inquietação, sou a loucura mística!
Sou massa cortada, oprimida e condenada por "homens" gentis".
Eu sou o que você espera de alguém!
Eu sou essa totalidade de ser homem e mulher,
sou essa totalidade de um Deus,
e no fim sou o monstro da criação!
Sou a natureza bruta, selvagem e a mais humana.
Eu sou a certeza da incerteza,
eu sou o símbolo que tudo vale a pena,
apesar dos pesares da rejeição e da dor!
Afinal, sou o que levo e traz.
(FONTE: CARRIE, 2020, escritos manuais disponibilizados pela poeta).*

A poeticidade que mostra uma transgressão sensível de ser-trava, ser-em-busca-de-ser, uma demonstração do que Paola Jacques (2012) nomeia de errância corporal, a vivência inseparável do percurso, a possibilidade de viajar com as palavras permeadas de sentimentos, de dores, de reflexões, de alternâncias e possibilidades de existir, apropriando-se do seu espaço de viver, con-viver, experimentando-se, argumentando-se, definindo o EU da Irla, da Gabi-Benedita, da Renna, da Renata, da Dodi, da Viviane, da Hellen, da Vulcânica...travas errantes.



Figura 9: Irla Carrie em performatividade do EU no campo, do campo para o campo. FONTE: Redes Sociais da Artista – Instagram: @irlacarrye, 2021.



Um EU que busca meios de ter e ser uma expressão crítica e subversiva para além das fronteiras, como a poetisa escreve no poema “Eu sou a certeza da incerteza, eu sou o símbolo que tudo vale a pena, apesar dos pesares da rejeição e da dor!”, uma linguagem demonstrativa da imagem e da palavra que contesta o existir imposto pela modernidade. Ação que dilacera as fragilidades e exalta a potencialidade de existir, de sentir, de ser-trava.

Estamos trazendo aqui a ideia de performance artística como potência de abertura, de quebra de sentidos para retomada, atualização e transcendência, [...]. É essa experiência no mundo, esse encontro com as coisas, com o outro, com aquilo que me afeta, me interroga, e que é sempre provisório, já que está sempre possível de ser retomado e atualizado por novas experiências, que produz em mim ranhuras e me faz possível resolver o que já foi sedimentado em meu horizonte de passado, mantendo viva a historicidade da existência (Silva; Alvim, 2020, p. 11).

A partir das construções elaboradas nesta produção escrita sensível e trans-edificante, o movimento de corporeidades travas transgressoras se articula, em nossa percepção, como um caminhar pelo território do sertão em que o espaço corporal se integra, se intercala, se interpõe dando margem para as corpas estarem em vigência, por meio de afetação estética, política, sentiente, de acontecimentos que representem construções corporais como propriedades de si.

A corpa que reafirma suas identificações explicita processos cognitivos que representam a inteligência em des-articular outras identificações incoerentes ao seu existir. Renna Costa traduz essa experiência na produção descrita abaixo. Uma escrita potente que denota desconstrução epistemológica, política, estética, artística e existencial.

TRAVA TERRORISTA - *Renna Costa*

*o meu corpo se desfaz na guerra cotidiana enquanto berra
pede ajuda pra quem?
que fala te xingando, te olhando sem cara
sociedade que te afunda, te desnuda
quando criança da escola é expulsa
que tá no lugar ERRADO!*



melhor se tornar mais macho, engrossar a voz e ter postura
menina com certeza não é, então há de ser homi de bravura
fecha os olhos **criança viada**
enquanto teus colegas riem da tua cara
fecha os olhos **criança viada** enquanto a professora ri da tua cara
fecha os olhos **criança viada** enquanto o diretor ri da tua cara
em casa ninguém tem tempo pra tu
quer inventar depressão? Pára de frescura
se não arruma as tuas coisas e vai pra rua
na rua... em amargura
na rua... nua
na rua... **e se eu fosse puta?**⁹
ainda que **80%** de nós se encontre **nas esquinas**
a maioria por obrigação
com única opção de sobrevivência a **prostituição**
enquanto que na loja, no escritório, no mercadinho
NÃO HÁ VAGAS
nossa real visibilidade é ter empregabilidade
pros meus hormônios poder tomar
e chegar num corpo que eu possa me encontrar
já que o SUS ainda nos vê como doença
É PATOLOGIA! ABERRAÇÃO! MUTAÇÃO!
que tá escrito no formulário que vai nos atender
e o nosso nome social, às vezes nem faz questão de dizer
é, a realidade é garganta profunda
se aceitar e ser aceita
mas não quero num binarismo me encaixar
estou muito mais além desse olhar
lutando todos os dias para uma cisnormatividade
n ã o m e e n c u r r a l a r
SALVE AS MANAS FEMINISTAS!
pelos meus pêlos manter
como disse Vulcânica Pokarropa¹⁰
se não gosta de pêlo na cara, **#então paga a minha laser bb**
não sabe que pronome usar? **XIU! Silêncio! Escuta!**
ouça como me auto refiro e tu pode dar esse passo,
sem constrangimento ter, gênero nada tem a ver com genital
então na moral. qual é a tua curiosidade real?
PÁRA! BASTA! do meu corpo fetichizar, e x o t i f i c a r
relaxa boy, nós não quer te enganar
só queremos nos manter **VIVAS**
já que a cada 48 horas uma de NÓS é destruída
assim resistimos, como clandestinas vivendo
okupando & desconstruindo gênero
aí eu te pergunto o que é ser queer?
não se nasce mulher, torna-se travesti¹¹
enquanto o queer na teoria desfaz gênero
a travesti refaz na prática

9 Leitura recomendada: Se eu fosse puta? de Amara Moira

10 *Performer, cata nas redes.

11 Leitura recomendada: Manifesto Traveco-Terrorista, de Tertuliana Lustosa



*na teoria morre o falo
exatamente, nunca existiu de fato
seja marginal, seja diva
aqui quem escreve é uma
T R A
T R A
TRAVA-Terrorista*

(Renna COSTA, Poema recitado no Show Almério e Elas. FONTE: <https://youtu.be/JRog3FpHizw>).

Uma produção que se enquadra no patamar de uma verdadeira pedagogia da performance literária corporificada, tornando-se um encontro de possibilidades de incorporação, visto que a artista direciona nosso sentir, nosso lugar-de-sentir às vias de sua criação, pela poeticidade com que trata e retrata o movimento das corporeidades travestis.

Uma Trava Terrorista acentua o poder de um saber denunciante de quem se é, uma guerrilheira que usa a corpa, a linguagem, a desejação, a invenção, a criação como processos de reconhecimento e identificação de si.



Figura 10: Aqui quem fala é uma TRA TRA TRA TRAVA TERRORISTA - Renna Costa. FONTE: Redes sociais da artista; Instagram: @costadarennna , 2020.

Assim, em um terrorismo traviado de re-conquista de sua apropriação, as travestis reescrevem narrativas e histórias inéditas de suas corpos, disseminando em territorialidades diversas os gritos que silenciam a corporificação sentiente, perceptiva, afetiva e política. E no Ser-tão do Moxotó percebemos a grandiosidade de ações performativas que produzem saberes outros.

A força das imagens retratadas transfiguram a ideia que os arquivos hegemônicos impõem de rechaçar ou banir essas corpos. Por isso, fundamental a discussão implementada por nossa escrita, pois intentamos um caminho em direção ao ato performativo de redefinir e expandir os conhecimentos que as corpos travestis implementam ao mundo pós-moderno.



Figura 11: Benedita Arcoverde - Série de performance 3X4. FONTE: Redes Sociais da artista; Instagram: @benedita_arcoverde , 2019.

A imagem acima retrata o trabalho de Benedita questionando as identidades impostas, a não aceitação das identificações alcançadas e a corporeidade assumida. Uma narrativa corporal e representativa de uma não-linearidade de narrar-se, mostrar-se



a provocadora epistêmica que nos invoca a pensar uma liga entre teoria e prática, entre corpos e subjetivações e identificações, que se concretizem com o reconhecimento de si.

Uma identificação que leva em conta a territorialidade das atrizes, Benedita que se autodenomina preta-periférica, Irla Carrie, a atriz que dança e prepara o corpo de outras para ampliarem suas identificações, e Renna Costa, uma corpa “travesty” que dialoga com o território da caatinga, em terra, água, ar & fogo, no Vale do Catimbau. São elas, as integrantes do grupo de artistas travas do ser-tão transgressor.

Considerações Finais

A sociedade cisheteronormativa não permite o reconhecimento de quem ousa transcender os limítrofes da cisgeneridade, a partir do instante que corpos travestis se movimentam exatamente em questionar a posição enraizada do binarismo homem X mulher. A Travestilidade se apresenta como aquilo que vem desestruturar as equiparações biológicas da modernidade.

As narrativas das travestis apresentadas e seus diversos contextos de protesto se entrelaçam em um ambiente tido como tradicional, o Sertão, onde parece que vidas que não importavam se manifestam em historicizar suas existências e que elas importam sim, e por isso mesmo têm que transgredir os pressupostos hegemônicos.

Elas demonstram que é possível combater os ditames de um sistema que as marginaliza por meio de discursos prontos que categorizam as regulações de seus corpos. Procuramos destacar as performatividades de travestis que experimentam existências no sertão e na periferia de regiões do interior de Pernambuco. Vimos que as ações performáticas acionam modulações que constituem os seus saberes, as suas produções de conhecimento e o retrato de seu percurso histórico.

Na segunda seção abordamos o movimento transgressor das corporeidades travestis no sertão, ainda tão carregadas de estigmas e abjeções. Os atos performativos demonstrados indicam a busca de legitimação de seus corpos, necessitando usar do



poder que estas têm em produzir saberes que dão novos significados às relações de convivência social. A resposta que nos afeta dessa transgressão é a de que as travestis re-existent do ser-tão são criadoras, inventoras, mobilizadoras de experiências individuais que se tornam sociais pela repercussão de seus atos.

Olhar para as variantes dos processos de subjetivação, reconhecimento e identificação de si é o mote que pontuamos no terceiro tópico do trabalho. As representações travestis apresentadas mostram-nos a intenção de não designar categorias identitárias adequadas ao cis-tema, mas extrapolar essa dimensão. E reafirmar a travesti como uma categoria própria da sua identificação regional e ao mesmo tempo apontar a possibilidade de se apresentar como uma identidade difícil de ser definida. Esse argumento é, na nossa opinião, o maior encantamento que as corpos travestis nos informam, pois elas são travestis e ponto.

Quando interrogamos em que medida o ser-trava no sertão de Pernambuco se posiciona transgressoramente ante às lutas de reconhecimento e identificação de suas corporeidades, analisamos que as corpos travas do sertão articulam em suas ações as diferenças em relação à legitimidade da sua existência, apresentam com suas artes e estética aquilo que não é hegemônico, e por meios próprios denunciam as violências, mas também demonstram o amor em viver, amor pela vida, um dom de exercer a humanidade presente em suas corpos. Sejam felizes corpos travas amáveis amadas! Ser-trava no Sertão transgressora é também libertador.

Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAVALCANTI, Gabi. **Benedita Arcoverde**: Performance “Sessão Descarrego”. Disponível em: Instagram: @benedita_arcoverde , 2017.
- CAVALCANTI, Gabi. **Solo para Benedita**. Performance. Disponível em: <https://extrato.art/benedita-arcoverde/solo-para-benedita> , 2015.



- COTAL, Jayme Ramirez. *Hija de Perra* (1980 – 2014). **Trava Diva Portal**. Retratos Ilustrados de la cultura transformista de espectáculo. Santiago, Chile: FUNDART, 2015. Disponível em: <https://travadiva.cl/project/hija-de-perra>
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Helder Godinho. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- COSTA, Renna. **Criação sobre a própria existência**. Performance. Disponível em: Blog <https://rennacosta.wixsite.com/rennacosta>, 2019.
- GARCIA, Rafael. **TRANScriações sobre mudanças que fizemos de nossos corpos**. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais / Projetos Globais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MONART (Movimento Nacional de Artistas Trans. Carta aberta do Movimento Nacional de Artistas Trans para todos os artistas cisgênero. **Revista Cult**, São Paulo, edição 231, 26 fev. 2018.
- SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho; MARCONDES, Guilherme; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. Arte e política: a consolidação da arte como agente na esfera pública. **Sociol. Antropol.** Rio de Janeiro, v. 7. p. 825–849, dezembro 2017.
- SILVA, Flávia Ferreira; ALVIM, Mônica Botelho. [TRANS]EXISTÊNCIA: Corpos erráticos, Gesticulações Políticas de Resistência. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-16, junho 2020.
- DE PERRA, Hija. “Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma.” **Revista Periódicus**. Salvador-BA, v. 1, n. 2, p. 291-298, jan. 2014.
- VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016.